

Imagens do pai na mitologia

Durval Luiz de Faria *

Resumo

Este artigo procura mostrar, a partir de alguns mitos gregos, imagens de paternidade presentes na psique coletiva, e que, muitas vezes, são ativadas na psique individual dos pais (homens) a partir da relação com seus filhos. Apresentamos aqui Uranos, Cronos, Zeus, Céfito e Dédalo como modelos paternos, enfocando principalmente a disfuncionalidade de sua conduta parental, comparando-a analogicamente com aspectos da paternidade humana.

Palavras-chave: paternidade; mitologia grega; Jung.

Abstract

This article seeks to illustrate, based on Greek myths, paternity images that exist in the collective psyche and that are often activated in the individual psyche of fathers during their relationships with their offspring. We present here Uranus, Cronus, Zeus, Cephisus and Dedalus as paternal models, focusing mainly on their dysfunctional parental behavior, comparing it, analogically, with aspects of human paternity.

Keywords: paternity; Greek mythology; Jung.

Jung nos ensinou que o homem vive numa perspectiva mítica e que a psique não se reduz à consciência e ao inconsciente pessoal, mas que os padrões arquetípicos dinamizam a alma. Muitas vezes, o ego identifica-se com estes, entrando num estado de inflação. No processo de desenvolvimento, o homem não constrói, consciente e inconscientemente, apenas sua história de vida pessoal, mas esta está eivada de padrões míticos desde o início e entrelaçada às questões pessoais. Jung relata-nos vários casos em que seus

* Professor do Núcleo de Estudos Junguianos, da PUC-SP e analista membro do IJSP- AJB.
E-mail: dl.faria@uol.com.br

pacientes ou conhecidos tiveram grandes complicações em função da identificação entre ego e as imagens arquetípicas (Jung, 1983, 1984).

A identificação do ego com um padrão mítico pode levar o indivíduo a um desenraizamento da existência, a um não viver na terra, uma perda nas esferas do céu, do poder, da sensualidade, da arrogância, da criminalidade, etc.

Além disso, a descoberta do lado mítico do homem revela-nos a universalidade das situações humanas, o mundo transcendente e o manejo das situações existenciais. Se podemos nos alienar na identificação mítica, utilizando o imaginário como defesa, a revelação da dimensão mítica nos aponta um caminho para a descoberta do mito pessoal, do mito ao qual deveríamos estar a serviço e que aparece nos relacionamentos, na profissão, no nosso projeto de vida. O mito pessoal está ligado diretamente ao processo de individuação.

Os mitos paternos revelam ao investigador da psicologia os modelos simbólicos de pai que foram construídos na civilização ocidental e que dirigem inconscientemente a conduta da paternidade. Por esse motivo, analisaremos aqui alguns mitos gregos em que aparece, de diversos modos, a imagem do pai.

URANO

A primeira imagem de pai na mitologia grega é Urano, nascido de Géia por partenogênese e que simboliza o céu estrelado, a abóboda celeste (Brandão, 1986). Urano é o parceiro de Géia e representa, psicologicamente, o lado paterno da Uroboros, o aspecto masculino primordial do inconsciente coletivo, a semente de todos os aspectos psíquicos que poderão se tornar conscientes.

Com Géia, ele gera alguns dos principais deuses, dentre eles Crono, que mais tarde o destronará. Tão logo nascem seus filhos, Urano devolve-os ao seio materno. Géia, cansada de conter todos os seus filhos e cansada da desmedida fertilização de Urano, pede a eles que a libertem. Crono, atendendo ao seu pedido, castra o pai, cortando-lhe os testículos.

A sexualidade desenfreada de Urano sugere um pai inconsciente de sua função paterna, um pai puramente biológico, inconsciente das consequências de seus atos e que promove o incesto com a mãe, na medida em que devolve os filhos a ela.

Urano manifesta, através de seus atos, uma das características do pai, o aspecto gerador, ligado simplesmente a uma função biológica, preso a uma sexualidade arrebatadora, mas que não pensa a criança como objeto de seu cuidado. Ele coloca os filhos no mundo e os devolve à mãe.

Por essa razão, podemos pensar Urano como um pai ligado a uma fase matriarcal da consciência, em que a mulher é vista como criadora e se desconhece a função paterna – ele está ali simplesmente para gerar, para afirmar sua masculinidade, para gozar, mas não para se responsabilizar pelas consequências de seu gozo (Cavalcanti, 1995).

Em Urano não aparece uma culpa ou uma angústia perante os filhos – simplesmente eles não lhe dizem respeito, eles são da mulher e a ela caberá a responsabilidade de pensar sobre o assunto. Podemos aqui pensar em muitos homens que se comportam de modo semelhante, possuindo uma consciência matriarcal da paternidade – não abandonam os filhos apenas por problemas econômicos, mas o cuidado não lhes diz respeito.

De qualquer modo, o abandono deles no ventre incestuoso de Géia promove uma revolta contra o pai, um conluio entre mãe e filho contra o pai, que culmina na castração de Urano. O afastamento do pai possibilita uma aliança incestuosa entre Géia e Crono – Géia parece fraca perante Urano, deixa-se tyranizar por ele e é incapaz de enfrentar o seu ato. O que significaria isso? Um reflexo do patriarcado dominante, em que o feminino é subjugado pelo masculino? Parece evidente não haver uma harmonia no casal de deuses, sendo que o masculino predomina sobre o feminino, que se sobrecarrega e se vinga na situação incestuosa.

CRONO

Crono, como filho do pai primordial, inaugura uma nova era, pois ele é o Deus que separa, que divide Urano e Géia, o masculino e feminino primordiais e, por isso, abre a possibilidade de aparecer a divisão e a consciência, a saída do inconsciente coletivo.

Crono realiza a separação dos pais primordiais e inaugura o campo da consciência, na medida que ele é associado ao tempo crono-lógico e faz o ego ingressar no espaço-tempo existencial. A constelação do arquétipo de Crono-Saturno separa-nos da imersão no inconsciente coletivo para vivermos no mundo das limitações e da falta, separados do paraíso.

Crono, castrando Urano, liberta os seus irmãos da prisão na Mãe, imagem feminina do inconsciente coletivo, para que essas possibilidades psíquicas possam começar a construir a consciência.

Nesse sentido, Crono inaugura a era do pai patriarcal, o pai agente da lei e da castração. A partir dele, o ego não está mais à mercê do mundo da natureza, premido pela sobrevivência e entregue aos impulsos, mas começa a inserir-se no mundo da cultura, dos limites e da construção existencial. O ego começa então a se deslocar de uma posição passiva para uma posição mais ativa no mundo.

Crono, Saturno dos romanos, e em nossa tradição o “Pai nosso que está no Céu”, é a representação mítica do arquétipo do *Senex*, no latim, o velho. No entanto, esse arquétipo é bipolar, isto é, ele está sempre em parrelha com o *Puer*, a criança. *Senex* e *Puer* seriam então aspectos, possibilidades do ser e da cultura em transformação.

A castração de Urano por Crono representa uma metáfora dessa relação, isto é, Urano (o *Senex*) representa a velha ordem (a ordem da natureza e do inconsciente coletivo), que é superada por Crono, que aqui age como *Puer*, isto é, como um elemento de renovação, trazendo a consciência, ainda matriarcal, para o mundo dos limites e da cultura. Esse arquétipo é a base para a consciência patriarcal, que começa a ocorrer no nascimento da cultura, com todas as suas interdições – a interdição do incesto, do assassinato, fazendo nascer a solidariedade em detrimento da força bruta e dos impulsos assassinos.

A castração de Urano representa, portanto, uma nova modalidade de consciência, que emerge pela deposição do pai primordial ou pelo assassinato do pai, tal como aparece no mito freudiano da horda primitiva. O pai mítico freudiano parece ser mais uma expressão cultural da mesma luta arquetípica entre *Puer* e *Senex* – um pai tirânico, que submete os filhos pela força e possui todas as mulheres, é assassinado pelos filhos e devorado num banquete totêmico.

A solidariedade dos irmãos nasce com o planejamento do assassinato do pai e sua execução, e chega ao seu auge no banquete, em que se funda uma nova ordem social, dedicada à repressão do incesto e dos aspectos sombrios do homem. Para Freud, a repressão funda a ordem social e a neurose coletiva é um preço a ser pago pela repressão do incesto e do assassinato, sempre desejados, mas não atuados, sob pena da desagregação social e individual (narcisismo).

A castração de Urano representa, portanto, a fundação da ordem social e a instauração da sombra coletiva e individual. Cronos-Saturno apresenta, nesse sentido, um duplo aspecto: enquanto *Puer*, ele liberta a humanidade da escravização aos instintos incestuosos e assassinos, iniciando a consciência patriarcal, nisso residindo o seu aspecto positivo.

No nível individual, o arquétipo do pai agente da lei impede, através da castração simbólica, que a criança fique presa ao narcisismo e ao egocentrismo, possibilitando, através da função paterna, que ela não se veja mais de uma forma onipotente, mas como um indivíduo com limites, sujeito de seu próprio desejo.

Além disso, Crono no seu aspecto “negativo” de *Senex*, se vivido como um aspecto do psiquismo de forma unilateral, pode levar o indivíduo e a cultura a um excesso de rigidez, autoritarismo e paralisia. Hillman enumera alguns aspectos do *Senex* que podem se tornar negativos:

O temperamento do *senex* é frio, o que pode ser expresso também como distância (...) A frieza é também realidade fria, as coisas tais como elas são, dados crus, imutáveis fatos pesado (...) E a frieza é cruel, sem o calor do coração e o calor da raiva, mas com vingança suave, reverência exigente, escravidão. (Hillman, 1990, p. 20)

Crono ou Saturno refere-se também a uma consciência com estrutura e abstração intelectual. Na iconografia medieval e da Renascença, Saturno era representado com instrumentos de geometria e astronomia – além da estrutura e abstração, ele representa o próprio princípio da ordem. “O *senex* fornece a ordem original ou *nous*, sua forma ideal, as fundações, princípios e axiomas sobre o qual um estado é construído” (ibid., p. 21). Aqui o autor refere-se tanto ao estado político, a ordem socioeconômica ou ao estado de rigidez da psique.

Crono-Saturno está presente na própria elaboração das teorias e também nas teorias psicológicas, na exaustiva tentativa de compreender os dinamismos da psique, nas quantificações, nas análises intermináveis que buscam uma ordem e uma estrutura.

Saturno manifesta-se também através do hábito, da repetição, da memória, do contar, de nossa relação com o relógio, o calendário e os dias que passam, com os limites, as fronteiras: “A consciência-senex desenha linhas divisórias: o seu reino e o meu; consciente e inconsciente; corpo e mente” (ibid., p. 23).

Não é necessário ir muito longe para suspeitarmos de que o nossa cultura ainda está dominada por uma consciência-senex, pela “racionalidade” dos sistemas perfeitos, pelos planos econômicos salvadores, por uma rigidez espiritual que divide os bons e os maus, os eleitos e os pecadores, por uma disciplina e rigor excessivo no mundo do trabalho, por uma administração fria da própria existência.

Saturno, no mito, depois que alcança o poder de Urano, engole seus filhos, afastando-os da mãe. Se, por um lado, o afastamento da mãe significa uma necessidade de evolução da consciência, entendendo-se aqui mãe como o incesto, a fusão, o momento narcísico, num segundo momento o afastamento da mãe significa simbolicamente o afastamento do princípio feminino, da natureza, das sensações e do sentimento.

Mais uma vez, a parêntese de deuses encontra-se dissociada: se Urano se descomprometia dos filhos, jogando-os à mãe, sobrecarregando-a, Crono engole os seus filhos, privando-os do acesso ao feminino. Cronos sem Réia, sem o coração, transforma-nos a todos em seres-máquina, em mutantes, tão em voga nos filmes modernos de ficção, metáfora de algo que está acontecendo “aqui-agora” e não no futuro.

Na relação pai-filho, Cronos aparece, por exemplo, em vários momentos da literatura, como em Kafka, no “Cartas a meu pai”. Esse livro expressa a angústia do personagem na relação com seu pai, angústia essa que imprimiu na obra do autor um protesto veemente contra as burocracias, os meandros do estado totalitário, tal como se vê, por exemplo em *O processo*, onde o indivíduo é acusado de algo que é inacessível à sua compreensão.

Poderíamos dizer que o mundo de Kafka reflete, em certa medida, a relação pessoal com seu pai, onde se sentia desvalorizado e oprimido, mas, ampliando nossa visão, Kafka é o protagonista de uma situação cultural em que o aspecto negativo do patriarcado de Crono domina. Numa perspectiva arquetípica, Crono está presente em seu pai, em sua cultura fria e burocrática, e em si mesmo, através do complexo paterno.

Crono aponta-nos um modelo de paternidade que, se, por um lado, ajuda os filhos a se desligarem de um modo narcísico de ser, pela atuação da disciplina e responsabilidade, por outro lado, engole seus filhos, levando-os para longe do feminino, do irracional, do imprevisível, do espontâneo. A conjunção *Senex-Puer* nesse modelo de paternidade é impossível de ser realizada, na medida em que o velho, o estabelecido, devora o novo, o vir-a-ser. Crono, além de um modelo de paternidade, invade a masculinidade como um todo, criando o homem que não abriga em si mesmo nenhum espaço para o feminino.

Crono aparece também em alguns quadros patológicos, como na melancolia, como nos aponta Vitale: o indivíduo melancólico, preso ao passado que idealiza como tendo sido apenas feliz, agarra-se ao velho, impedindo que as forças renovadoras do *Puer* tenham acesso a uma transformação. “O significado do devoramento pelo pai, constante na psicologia saturnica, pode ser explicado como um bloqueio ao impulso de transformação” (Vitale, 1979, p. 30).

Saturno corresponde, no desenvolvimento individual, ao momento em que o ego, aparentemente já liberto da fase matriarcal, encontra um pai que representa um peso da tradição tão grande que impede o jovem de se transformar – “tudo o que já foi feito, os poderes estabelecidos” e a “história impede o impulso do jovem em direção às chances do futuro” (ibid., p. 30).

Em Saturno, na sua polaridade negativa, encontramos um pai tirânico que devora os filhos. Do ponto de vista intrapsíquico, ele representa a força ligada à tradição, à manutenção do *status quo* psíquico, que impede que o arquétipo da criança se manifeste. No nível das relações, representa um modelo de pai que, por sua rigidez e inflexibilidade, não permite o desenvolvimento do filho e a constituição dele como sujeito. Como resultado, temos uma regressão à mãe, novamente a relação incestuosa, pois o pai não propicia o prosseguimento da jornada.

ZEUS

No mito, como num eterno retorno, a luta *Senex-Puer* continua. Réia, inconformada com a situação de devoramento dos filhos por Crono e revoltada com o marido, recolhe-se à ilha de Creta, no monte Ida, onde termina sua gravidez. Nascido Zeus, ele é criado nos flancos do monte Egéon, pelas ninfas, curetes e amamentado pela cabra Amaltéia. Para enganar Crono, Geia lhe dá uma pedra envolta em panos de linho. Crono a engole, pensando estar devorando Zeus.

Já adulto, Zeus inicia uma guerra contra o pai, libertando os seus tios, os Hecatonquiros e os Cíclopes, assim como seus irmãos, do ventre de Crono, graças a um vomitório fornecido por Métis. A guerra de pai e filho dura cerca de dez anos, ao fim da qual Crono é considerado um Deus ocioso e Zeus é glorificado como o Deus do céu e do universo, ficando o reino do mar com Posídon e o mundo subterrâneo com Hades.

Mesmo com essa divisão, Zeus é considerado o deus maior e é assim que os gregos o viam: “um grande deus de quem dependiam o céu, a terra, a *pólis* e até a mântica” (Brandão, 1986). Zeus era considerado o senhor dos fenômenos atmosféricos e da chuva, dele dependendo a fertilidade do solo: defensor da família e da lei senhor da purificação e da arte de adivinhação.

Zeus liberta seus irmãos do ventre de Urano e isso pode representar as inúmeras possibilidades presentes no inconsciente e que agora podem se atualizar e vir à luz. Aliás, o nome Zeus está intimamente associado com a luz – seu nome significa o deus luminoso do céu (ibid.). Isso quer dizer que ele traz a luz, que ele porta a consciência, que ele retira os conteúdos essenciais do inconsciente para o desenvolvimento da consciência (Cavalcanti, 1995).

Zeus é o *astrapaíōs*, aquele que lança raios, e o *brontaíōs*, aquele que troveja. Ele também propicia o aparecimento da chuva, que fertiliza e fecunda. Zeus propicia o movimento de cima para baixo, do espiritual para o terreno, ele unifica de certa maneira as energias espirituais, trazendo uma maior consciência perante as forças instintivas.

Zeus tem muitos filhos, com diversas deusas e com as mortais. Sua atitude para com os filhos, no entanto, é diferente da atitude de seus predecessores – não os devolve para a mãe, nem os engole, mas acolhe-os de

uma forma ao mesmo tempo exigente e amorosa, embora deixe claro que é ele quem detém o poder. E, mesmo revelando suas preferências por alguns de seus rebentos em vez de outros (como Apolo, seu preferido), ele não os rejeita e mantém com todos sua ligação paterna – permite que cada um exista de acordo com a sua natureza e originalidade.

Zeus não é um deus criador, no sentido cósmico, é mais um deus conquistador e ligado ao poder. A relação com seus filhos é eivada de poder e por isso ele é visto por alguns autores como um deus negativo e narcisista (Bolen, 2000). Apesar, no entanto, de sua maior característica ser sua ligação com o poder, muitas vezes ele mostra sua compaixão e até entrega seu corpo para a gestação de seus filhos, como ocorre nos mitos de Dioniso e Atena.

Dioniso era filho de Zeus com uma mortal, Sêmele, rainha de Tebas. Zeus apaixona-se por Sêmele e a visitava freqüentemente, até que Hera, sua esposa, descobriu sua infidelidade. Raivosa e enciumada, Hera envia um sonho a Sêmele, insuflando-lhe o desejo de que o deus lhe aparecesse em sua verdadeira forma. Quando Sêmele faz esse pedido a Zeus e ele concede, Sêmele cai morta, fulminada, pois nenhum humano suporta tanta luz e numinosidade.

Zeus, no entanto, descobre que Sêmele traz em seu ventre o seu filho; apiedando-se da situação e, querendo proteger a criança, coloca Dionísio na sua coxa e gesta-o até o seu nascimento.

O mito de Atena também revela um pai que gesta a sua criação, embora agora de maneira inconsciente. Aconselhado por Urano e Géia, os pais primordiais, Zeus engole Métis, sua primeira esposa, que dele estava grávida, pois, segundo o casal, se Métis tivesse um filho, este arrebataria o poder do pai. Zeus engole Métis, mas, completada a gestação de Atena, Zeus é acometido de uma dor de cabeça insuportável. Chamando Hefesto, o deus das forjas, pede-lhe que abra sua cabeça, surgindo daí Atena, deusa das estratégias e da guerra.

Nesses dois mitos, se encontramos, por um lado, um deus obcecado pelo poder e sem muita consideração pelo feminino, começa a aparecer um pai preocupado com seus filhos, tendo uma atitude também maternal ou feminina com eles, nos atos de gestar e proteger.

Assim, parece instalar-se no patriarcado, ainda no nível divino ou mitológico, uma certa compaixão ou uma preocupação amorosa com os filhos, a criação de um conflito no qual o pai, de certa forma, começa a responsabilizar-se pela sua criação. Se antes ele centrava-se no gozo sexual (Urano) e era o pai puramente biológico, e em Crono ele centra-se no poder e na anulação de seus filhos, em Zeus, apesar da predominância do poder patriarcal, começa a emergir um pai mais íntimo, responsável pelo cuidado e até pela gestação.

Junito Brandão assinala que os autores modernos ressaltam determinadas atitudes autocráticas de Zeus que se corporificariam no chamado “Complexo de Zeus”: “trata-se de uma tendência a monopolizar a autoridade e a destruir nos outros toda e qualquer manifestação de autonomia, por mais racional e promissora que seja” (1986, p. 344).

No entanto, para Hesíodo, autor da época, Zeus simboliza o fim de um ciclo de treva e o início de uma era de luz e de justiça. O que vai ao encontro da tese de Cavalcanti (1995), de que Zeus pode ser, no nível interno, um símbolo do *Self*, do arquétipo central que organiza e equilibra (e desequilibra) os vários conteúdos do inconsciente, representados pelos demais deuses do Olimpo e heróis.

No nível das relações, Zeus pode estar trazendo, de uma forma mais contundente na história, a imagem de um deus que mantém com seus filhos uma relação mais próxima e onde cabe um pouco mais de cuidado e compaixão. Portanto, uma nova imagem da paternidade que emerge, mesmo dentro do nível da consciência patriarcal.

CÉFISO

Descendo um pouco do Olimpo e voltando agora para a terra, embora ainda no reino mítico, gostaríamos de destacar dois mitos que falam mais de perto de modelos de paternidade e suas conseqüências para a psique.

Queremos nos referir aqui ao mito de Narciso, como um paradigma no qual atua o modelo urânico de paternidade, e o mito de Ícaro, onde se anuncia o que mais tarde podemos entender como função paterna.

O mito de Narciso, como é sobejamente conhecido (e, por essa razão, não será descrito em sua totalidade aqui), conta-nos que um jovem extremamente belo nasce da violação da ninfa Liríope pelo deus rio Céfiso. Liríope, indagando o advinho (Tirésias) sobre o destino de seu filho, tem a resposta de que ele viveria bastante, contanto que jamais se conhecesse.

Narciso cresce até alcançar os dezesseis anos, sempre assediado por jovens e donzelas, mas negando-se sempre, orgulhoso, a se apaixonar e entregar seu coração.

Uma bela ninfa, Eco, tenta aproximar-se dele, mas Narciso a repele, humilhando-a tanto que a pobre donzela, de tanto sofrimento, se transforma pouco a pouco em pedra.

E assim continuou a viver Narciso, sempre desdenhando quem quer que se aproximasse dele. Por fim, uma dessas jovens desdenhadas suplica à deusa Nêmesis que Narciso fosse condenado a amar a si mesmo e que não obtivesse aquilo que amasse. E a deusa atendeu às suas preces.

Aproximando-se de uma fonte de águas límpidas e prateadas, Narciso viu seu reflexo na água e enamorou-se de sua imagem. Tentando alcançá-la inúmeras vezes e impossibilitado de conseguir o que queria, Narciso morre de paixão, desvanecendo-se pouco a pouco.

Schwartz-Salam (1995), tentando explicitar o mito e relacioná-lo à personalidade narcísica (narcisismo patológico), interpreta cada elemento do mito como um elemento do psiquismo do narcisista. Aqui, no entanto, nos deteremos mais na figura do pai de Narciso, o rio Céfiso.

O rio Céfiso representa o mesmo masculino primordial que aparece em Urano, a sexualidade arrebatadora que não se preocupa com a relação, mas com a satisfação instintiva. Nesse sentido, ele pode ser entendido como um aspecto da Uroboros patriarcal, elemento avassalador e dominante do masculino.

Do ponto de vista da relação, Narciso nasce de um pai extremamente agressivo e dominado pela violência sexual e uma mãe passiva, que se deixa dominar por essa violência. Assim, em Narciso, a *coniunctio*, a conjugação masculino-feminino vê-se prejudicada desde o início, o masculino devorador dominando a consciência, em detrimento do feminino, em prejuízo de sua capacidade de amar e de ver o outro.

Criado pela mãe e longe do pai, que lhe é inacessível, Narciso vê-se impedido de sair de si e encontrar o outro. Salam nos diz que o quadro de Narciso circunscreve-se dentro do chamado complexo materno positivo, onde o filho, saciado até a exaustão, é vítima do desejo da mãe e permanece preso a ele (1995). Complementaríamos o autor pensando que a esse complexo agrega-se o complexo paterno negativo, no qual o pai se encontra ausente.

Sabemos que o outro começa a aparecer na psique à medida que a criança vai perdendo sua condição narcísica, isto é, de se separar do desejo da mãe para passar a ser um ser desejante. Nesse momento, ela pode se aliar ao pai, se ele for presente, que pode impedi-la da fusão eterna com a mãe. No caso de Narciso, a ligação simbiótica com Liríope e a distância do pai abriram o caminho para a tragédia.

Assim como no mito, podemos entender que a ausência do pai, característica do modelo urânico de paternidade, leva quase sempre a uma ligação incestuosa com a mãe, afetando sobremaneira o desenvolvimento, caminhando, senão para a personalidade narcisista, para outros conflitos na personalidade, detendo o processo de individuação.

DÉDALO

Por outro lado, no mito cretense de Dédalo e Ícaro, encontramos uma relação pai-filho mais íntima, onde o pai se encontra presente, não sendo nem irresponsável nem devorador, anunciando-se, em sua conduta, o que mais tarde pode ser entendida como a função paterna.

O mito passa-se no reinado mítico do rei Minos, de Creta, para quem Dédalo, o inventor, artista e arquiteto trabalha. Minos, tendo prometido para Posídon o sacrifício de um touro, arrepende-se e fica com ele em seu rebanho. Como vingança, Posídon faz a esposa de Minos apaixonar-se pelo touro. Tomada de desejo, Pasífae pede a Dédalo que faça uma vaca de bronze para que ela, disfarçada, pudesse atrair o touro.

Da união de Pasífae com o touro nasce um ser monstruoso, metade animal, metade homem, chamado Minotauro. Minos ordena então a Dédalo que construa um labirinto onde o Minotauro possa ser escondido. Em função de um acordo feito com Atenas, jovens atenienses eram sacrificados ao Minotauro, de nove em nove anos.

Dédalo, mais uma, vez trai Minos, conspirando com Ariadne para libertar Teseu do labirinto, pois este, misturado aos jovens atenienses, propunha-se a matar a fera, tendo obtido a vitória. Minos, enfurecido, prende Dédalo e seu filho Ícaro no labirinto. Dédalo, no entanto, facilmente encontrou o caminho de saída, fabricou dois pares de asas com penas, presas aos ombros com cera.

Dédalo e Ícaro voaram pelo céu com as asas fabricadas, sendo que o pai admoestou o filho de que deveria voar a uma altitude adequada, nem muito perto do Sol, pois a cera derreteria, nem muito perto do mar, pois as penas se molhariam e as asas ficariam muito pesadas. Ícaro, no entanto, não deu ouvidos ao pai, aproximou-se muito do Sol, a cera derreteu-se e seu corpo caiu em direção ao mar.

Aqui encontramos um pai preocupado com seu filho, salvando-o do labirinto (uma imagem do inconsciente) e tentando afastá-lo de uma situação perigosa. Para Brandão (1986), Ícaro representa a própria *hybris*, a desmedida, a fuga do centro e da medida adequada.

Ícaro é o símbolo da volúpia das alturas, da inflação espiritual, na qual o ego é tomado pelas imagens arquetípicas, tão comum nos estados neuróticos e psicóticos e presente em determinados estados descritos na psicologia junguiana como o caráter do *puer aeternus*, onde há uma inflação do ego pelo arquétipo do puer (Von Franz, 1992; Hillman, 1999).

Nesse mito, podemos ver uma tentativa de instalação da função paterna, da perda do narcisismo, de um chamar a atenção para a atitude adequada. No entanto, como afirma Paul Diel (1991), parece que em Dédalo essa função já se encontrava comprometida: “Pretendem alguns que o intelecto, a despeito de toda sua engenhosidade, só poderia chegar a construir ‘asas artificiais’, que a técnica não constituiria senão um obstáculo para atingir as regiões mais elevadas da vida” (p. 50).

Continuando seu raciocínio, no entanto, Diel coloca que nem toda atividade intelectual tem essa característica, mas em Dédalo esse intelecto adquire formas perversas:

Dédalo não é somente o inventor das asas de cera, sendo também o construtor de sua própria prisão, o Labirinto (...) o construtor do Labirinto

simboliza o intelecto pervertido, o pensamento afetivamente ofuscado, que, ao perder sua qualidade de lucidez, transforma-se em imaginação exaltada, confinando-se em sua própria construção, o inconsciente. (Ibid., p. 51)

Encontramos, portanto, em Dédalo, a presença de um pai onipotente, cujas criações ultrapassam a medida e que o colocam na impossibilidade de uma inserção criativa no mundo. Apesar de sua admoestação ao filho, como ele poderia exigir dele um contato com a realidade? Dédalo parece-nos, portanto, um pai que, ainda preso ao narcisismo, dá “conselhos positivos” ao filho, sem, no entanto, integrar essas admoestações como realidade vivida de sua consciência.

Embora em Dédalo se anuncie um pai mais próximo e íntimo, protetor mesmo, pela sua própria história de vida ele é incapaz de retirar seu filho do estado de inflação, pois ele mesmo está inflado.

REFERÊNCIAS

- BOLEN, J. S. (2000). *Os deuses e o homem*. São Paulo: Vozes.
- BRANDÃO, J. de S. (1986). *Mitologia grega*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- CAVALCANTI, R. (1995). *O mundo do pai*. São Paulo: Cultrix.
- DIEL, P. (1991). *O simbolismo na mitologia grega*. São Paulo: Cultrix.
- EDINGER, E. (1989). *Ego e arquétipo*. São Paulo: Cultrix.
- HILLMAN, J. (1990). “On senex conciousness”. In: BERRY, P. (org.). *Fathers Mothers*. Dallas: Spring Publications.
- _____(1999). *O livro do puer*. São Paulo: Paulus.
- JUNG, C. G. (1983). *Fundamentos de psicologia analítica*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____(1984) *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- SCHWARTZ-SALAM, N. (1995). *Narcisismo e transformação do caráter*. São Paulo: Cultrix.
- VITALE, A. (1979). “O arquétipo de Saturno ou a transformação do Pai” In: HILLMAN, J. (org.). *Pais e mães*. São Paulo: Símbolo.
- VON FRANZ, M.-L. (1992). *Puer Aeternus*. São Paulo: Paulinas.